

## FONOLOGIA NO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

LEDA BISOL  
Doutor em Letras\*

Lecionando há algum tempo a disciplina Fonética e Fonologia, de caráter introdutório e obrigatório, muitas vezes senti-me tentada a abandonar a Fono-  
logia Estrutural Clássica, em que as primeiras aulas se detinham, e entrar de início nos domínios da Teoria Gerativa, prosseguindo pelos modelos subseqüentes. Inútil divagação que do caminho costumeiro não me afastara. É que os alunos continuavam a chegar despreparados para o tratamento científico dos dados e por vezes não raras desinteressados por esta disciplina, aparentemente sem vínculos com suas lides cotidianas e por conseguinte imune a atrativos para uma dissertação final.

Essa atitude deve-se provavelmente ao fato de sermos herdeiros de uma longa tradição filológica e de gramáticas que não deixam lugar para os sons e quando o fazem confinam-nos a um capítulo assaz desinteressante.

O tratamento lingüístico do som tem suas origens na Escola de Praga, que limitou vigorosamente o estudo da fonologia aos domínios sincrônicos, e seguindo os ensinamentos de Saussure, instaurou a operação da comutação antes mesmo que esse nome lhe fosse outorgado. Desde então, o estudo dos sons ficou ligado aos significados, no sentido de olhar menos para a sua natureza física e mais para a sua função, ou para ambos, mas não exclusivamente para a sua natureza física. Pela primeira vez, um modelo científico de análise surgiu, permitindo descobrir como se distribuem as unidades, como se separam segmentos distinguindo enunciados, como se agrupam variantes de uma só unidade, enfim como filigranar o delicado entrelaçamento das unidades menores que compõem um sistema.

Em sala de aula o exercício desse método é o recurso ideal para desenvolver a habilidade de olhar para a língua como um objeto de estrutura suscetível de ser descrita nos mínimos detalhes. Um jeito de aprender a ver a língua em si mesma e por si mesma, contando apenas com os elementos de sua própria natureza, postura essa que esperamos encontrar em nossos alunos ou ver neles despontar.

A Fonologia Estrutural Clássica ensina a ordenar os fatos para descobrir-lhes a regularidade de sua conduta, utilizando, à luz de alguns princípios que constituem a base de sua teoria, tão somente lápis, papel e dados. Trata-se, em essência, de um método para: 1) catalogar adequadamente segmentos menores; 2) identificar entidades mínimas envolvidas com a significação; 3) descobrir traços significantes, como o sonoro que separa s/z (selo x zelo); 4) detalhar todos os pontos de diferença entre dois segmentos como o nasal e sonoro que separa p/m (pala x mala); 5) en-

\* Professor Adjunto, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; Professor do Curso de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS.

global numa só classe entidades foneticamente aparentadas que nunca ocorrem na mesma posição fonológica, p.ex., *t* e *v* (turma x tio); 6) identificar processos de assimilação que não alteram o sistema como o da Harmonização Vocálica. E outras características mais como as que dizem respeito à sílaba, sempre presente na constituição do vocábulo.

Os lingüistas da Escola de Praga, como diz HALLIDAY, foram os primeiros a tentar construir teorias funcionais para o sistema com elementos da própria língua, ao invés de trazê-las de fora para dentro.

Essa elaborada teoria, firmada em oposições fonológicas e nas relações paradigmáticas, ensina a ver os sons organizados em sistema de acordo com suas propriedades fonéticas relevantes, o que subseqüentemente se tornará ponto de interesse da Gerativa.

Por conseguinte, o estágio na Escola de Praga não só constitui um preâmbulo insubstituível na formação científica do aluno como também uma etapa preparatória para estudos posteriores.

Não menos importante é um estágio na Escola Americana, BLOOMFIELD, PIKE, HARRIS (e outros poderiam ser nomeados), que, em busca da lingüística como ciência exata, deixa um aprimorado método de segmentar e classificar as unidades, definidas por suas combinações de estruturas sintagmáticas, mas não pelo significado, com vistas a apresentar uma descrição do sistema, de todo isenta de qualquer envolvimento com concepções mentalistas ou psicologistas da linguagem.

De BLOOMFIELD chega-se a CHOMSKY, mas com uma pousada na Teoria dos traços distintivos de JAKOBSON, de grande significado no desenvolvimento da Fonologia, não só por ter sido aceita por europeus e americanos para a descrição de várias línguas, mas também pela influência decisiva que teve na Fonologia Gerativa.

Ainda que certas correntes da História da Fonologia não sejam abordadas — Escola da Prosódia, Glossemática, Daniel Jones, de inolvidável contribuição —, a formação do aluno vai gradativamente crescendo até chegar à Teoria dos traços de Chomsky-Halle, o ponto culminante desta avançada. A Teoria Gerativa teve o mérito de combinar formalismo e realidade fonética, desenvolvendo a proposta de JAKOBSON e reavivando, com novas perspectivas para a descrição lingüística, o mentalismo do séc. XVIII, sem prejuízo da cientificidade.

De TROUBETZKOY a CHOMSKY vai o aluno dedilhando métodos e armazenando teorias. A aparente insipidez que emana da aplicação metodológica de premissas ou princípios é quase sempre diluída pelas situações surpreendentes e desafiadoras com que os dados nos costumam brindar, quando estamos à espreita de estruturas, o problema real.

A medida que se vai desenvolvendo a noção de estrutura através de exercícios vários, uma visão mais ampla da língua começa a surgir, a de que às diversidades externas somam-se semelhanças internas, como Humboldt dizia. Assim, determinado traço que comanda certa distribuição alofônica numa língua dada pode revelar sua presença em outra de forma diferente. Por ex.: o traço alto da vogal anterior [i], que empresta a /t/ e /d/ em português um alofone palatal (tela, tio, dela, dia) faz com que em japonês /t/ tenha dois alofones, [*v*] [+alta], antes da vogal anterior alta [i], e [ts] [-alto] antes da vogal alta posterior não arredondada [ɯ]. Fato curioso que aponta para o grau distinto de altura que separa a vogal alta anterior

da posterior, comum a todas as línguas humanas, e explicável fisiologicamente: o espaço destinado à emissão das vogais posteriores é menor que o destinado às vogais anteriores.

Por meio de traços, pois, alcança-se com mais facilidade a explicação para os fatos descritos do que por meio de segmentos. Mas o aluno tem de ser primeiramente treinado na separação e classificação dos segmentos com dados de língua vernácula, estrangeira e hipotética, a fim de familiarizar-se com o comportamento dos sons e ser capaz de perceber as sutilezas que entretecem essa organização complexa e misteriosa que é a Língua. Só depois de ter sido treinado a lidar com estruturas de superfície é que ele terá condições de tentar explicar os fatos através do que está por detrás dos dados, isto é, através de estruturas latentes. A visão estrutural da Língua é, a nosso ver, um pré-requisito para o estudo da Teoria Gerativa. Diríamos, repetindo Greimas, ser lingüista é ser essencialmente estruturalista.

Na Teoria Gerativa, o problema fundamental reside em torno da postulação de estruturas subjacentes, seu grau de abstração e do ordenamento de regras que estabelecem o elo entre o abstrato e o concreto que conduzem à organização sistêmica. Exemplifiquemos com as seguintes alternâncias: formoso ~ formoso ~ formoso; novo ~ novo ~ novo; mas bolso ~ bolsa ~ bolsos; todo ~ toda ~ todas. As opções de escolha para a estrutura subjacente que torne predizíveis as formas de superfície são três, de acordo com o modelo: um diacrítico, comumente chamado traço de regra, uma unidade abstrata que nunca ocorre nos dados, uma das formas alternantes.

Admitindo-se, a título de exemplificação, a terceira hipótese, a escolha poderá recair sobre desde que essa unidade (fonema no modelo tradicional), seja susceptível de explicar também outras regras do sistema, isto é, tenha motivação independente. Assim sendo, as formas alternantes, *formoso* e *novo* terão na base, mas não *bolso* e *todo*, formas não alternantes. Uma regra que aplicasse somente a nomes e adjetivos, como parece ser o caso, a grosso modo formalizada abaixo, daria conta do fato, desde que verificada a propriedade dos traços escolhidos para explicar relações desta e de outra ordem semelhante.

$$\left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{bx} \\ + \text{post} \\ + \text{arr} \end{array} \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{c} - \text{alt} \\ - \text{bx} \end{array} \right] / - \left[ \begin{array}{c} \text{C + V} \\ - \text{fem} \end{array} \right] \text{N, adj}$$

Note-se que dentro dos objetivos desta exposição, estamos atendendo somente aos dados acima, ignorando o que possa advir com um corpus mais amplo. Note-se, por outro lado, que o fundamental é que o condicionamento morfológico não pode ser obliterado. A fonologia pura do modelo estrutural é substituída pela Fonologia e Morfologia como um todo, no modelo Gerativo.

Uma delicada aprendizagem tem de ser feita — a do formalismo que, para não tornar-se inútil, exige o conhecimento das normas que o regem. Permitindo agrupar fatos aparentemente diferentes numa só classe, possibilita alcançar a generalização, de capital importância nesta Teoria, cujo pressuposto básico é que todo indivíduo nasce com uma espécie de instinto para a linguagem que o faz capaz de aprender em período relativamente curto a língua do contexto a que for exposto nos seus primeiros anos de vida.

Hipóteses, apoiadas na intuição, princípios seguidos à risca, análise por meio de algoritmos, descrição formal dos fatos, são procedimentos metodológicos que abrem um campo de ação de liberdade maior do que a oferecida pelo modelo anterior.

Eis um novo avanço no processo de aquisição de conhecimentos: Treinar um aluno, por meio de exercícios com línguas vernáculas, estrangeiras e hipotéticas, como se propôs anteriormente, nesta metodologia, é levá-lo a pensar sobre os fatos da língua, a emitir julgamentos de valor, pressuposições de veracidade comprovável, a olhar para os dados através da relação objeto e ser que o produz, a perceber a possibilidade de extravasar os dados e de estabelecer paralelismos com outras áreas do saber humano como p. ex., a do tipo linguagem e capacidade cognitiva.

Um curso introdutório não pode prescindir, pois, do modelo clássico de CHOMSKY-HALLE, base de propostas ulteriores.

Hoje, considerações sobre a Teoria de Traços são indispensáveis. Inúmeros trabalhos produzidos nesta linha, na descrição de diferentes línguas do mundo, são leituras muitas vezes requeridas para a produção de bons resultados de pesquisa, independentemente da linha seguida.

Sumariando, Escola de Praga, Escola Americana e Fonologia Gerativa são as correntes gerais desta disciplina, em cuja realidade viva deve o Curso de Pós-Graduação em Letras levar o aluno a contatar no percurso de sua formação lingüística. Então ele estará pronto para acompanhar a intensa atividade teórica que vem se manifestando principalmente na recente proliferação de propostas concernentes à natureza da estrutura fonológica, infra e supra-segmental e suas inter-relações.

E, com respeito à pesquisa, a Fonologia oferece inúmeros temas que o espírito criativo do proponente poderá converter em significativas e curiosas páginas de descrição do português do Brasil, com resultados que inevitavelmente refletir-se-ão nos bancos escolares, dos primeiros anos aos mais adiantados.

O português falado no Brasil é um imenso campo de trabalho à espera de seareiros.

Endereço para correspondência: São Francisco da Califórnia, 149  
90450 - Porto Alegre, RS,  
Brasil.